

Danos para a economia brasileira

ROSA SYMANSKI E
SABRINA LORENZI

SÃO PAULO E RIO - Se as quedas nas bolsas de valores de todo o mundo persistirem no decorrer desta semana, certamente ocorrerão danos macroeconômicos mais profundos na economia brasileira, dizem economistas e empresários ouvidos pelo JORNAL DO BRASIL. "Caso a bolsa de Nova Iorque se recupere esta semana não teremos problemas com variáveis como câmbio e C-Bonds (títulos da dívida brasileira), e o risco do país não estará abalado. Mas se as quedas dos índices continuarem, a renda doméstica nos Estados Unidos vai por água abaixo. A balança comercial brasileira terá superávits menores por conta dos cancelamentos de exportações", explicou Roberto Padovani, economista da consultoria Tendências.

Para Antônio Carlos Pôrto Gonçalves, diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o efeito sobre as exportações seria contrário. "A queda nas bolsas

americana e brasileira deverá pressionar o câmbio devido à escassez do dólar. É possível que haja desvalorização do real. Moeda desvalorizada significa facilidade para as exportações", deduziu.

Liquidez - Na sua opinião, a pressão sobre o câmbio não precisa ser causa de inflação. "Mesmo que o preço da moeda americana fique mais alto, a possibilidade de haver inflação é mínima porque os juros deverão subir, restringindo a liquidez da moeda." Para ele, o governo brasileiro acompanhará a decisão do Federal Reserve (Fed, banco central americano). "Se os juros de lá dispararem, acontecerá o mesmo aqui", ressaltou.

De acordo com ele, o maior problema será proveniente do fluxo de capitais. "Teremos que enfrentar uma escassez de capitais para empréstimos, que resultará em uma pressão cambial maior, pressionando taxas de juros e a inflação. O Brasil crescerá menos do que está sendo previsto", observou. "Os salários nominais também ficariam estagnados."

Cenário diferente - Analistas e empresários também não

acreditam em crises semelhantes às que se abateram sobre a Ásia em 1997 e a Rússia em 1998. Poderá ocorrer uma puxada mais forte nos juros reais da economia para conter a inflação. Mas não acredito que vamos assistir a eventos como os promovidos pelas crises asiática e russa. Os fundamentos da economia estão vacinados contra eventuais choques externos, ao contrário das outras crises mundiais", disse o consultor de empresas Ricardo Belotti, da consultoria Belotti & Will.

Mas Belotti reconheceu que o país não está imune às crises externas. "O mundo inteiro sofreria com uma recessão nos Estados Unidos. Teremos problemas com as exportações e precisaremos diminuir as importações para evitar problemas cambiais. Sem a concorrência internacional no mercado brasileiro enfrentaremos pressões inflacionárias", previu.

Os analistas prevêem que a volatilidade nas bolsas continuará nesta semana. "Os preços das ações estarão baixos. Mas quem não está acostumado a operar deve sair para outros investimentos.

Nesse cenário, os investimentos em ações são aconselháveis apenas a gestores de fundos", aconselhou Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e sócio da consultoria Tendências.

Juros - Esta semana as atenções do mercado financeiro também estarão voltadas para a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, que definirá os rumos da taxa básica de juros - a Selic -, hoje em 18,5% ao ano. Os analistas acreditam que a taxa será mantida no mesmo patamar devido às turbulências ocorridas nas bolsas de valores de todo o mundo. "O BC deve deixar o viés neutro", disse o analista de Tesouraria Fernando Ferreira.

O economista Carlos Thadeu de Freitas, do Instituto Brasileiro de Mercado Capitais (Ibmec) disse que se o mercado financeiro americano continuar em pânico, o governo deve intervir no câmbio para evitar desvalorização da moeda. "E o Tesouro deveria parar de vender títulos prefixados porque ninguém sabe qual será o preço do dólar depois do tumulto", alertou.